

Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta publicação em "A Federação", jornal da vizinha cidade de Itu. Para identificação e referências bibliográficas indicam-se as datas em que foram publicadas.

438. EVOcando UM COMpositor "GRACIEUX"

Creio que todas as palavras que possam traduzir o "gracieux" dos franceses – gracioso, agradável, apazível, bondoso, delicado, afetuoso, cortês – calham magnificamente para o compositor Joseph Mouret, nascido aos 16 de abril de 1682 em Avignon e esta sua origem meridional certamente explica muito do seu temperamento e do seu caráter.

Chegando a Paris quando já estava nos seus 25 anos, despertou logo o interesse de certos grupos da Corte, especialmente da Duquesa de Maine, que dele fez uma espécie de músico particular encarregado de suas famosas "Nuits des Sceaux", bem expressiva do bom gosto e do requinte do "Ancien Régime". Escolhido "músico do rei" em 1720 faleceu internado num hospital de Charenton, em 1738, após ter perdido os lugares que lhe garantiram o título de "Musique des Grâces" ou "Gracieux Mouret".

Como bom músico vinculado à Corte, escreveu muitas obras especialmente para as festividades reais: banquetes, caçadas, partidas, bailes, enfim tudo quanto animava aquele mundo artificial que já se encaminhava, como num plano inclinado, para a grande crise que implicou em sua própria destruição mais para o fim do século XVIII.

Sua maior obra – "Les Fêtes de Thalie" – enquadra-se no que se denominava "ópera baile", na qual a ação era toda entremeadada de danças, algumas até de origem popular. Outras obras neste gênero enriquecem sua produção – "Le mariage de Ragonde et Colin", "Les amours des Doeux" e "Le triomphe de Sens" – com a qual praticamente encerrou sua carreira, pois pouco depois, uma enfermidade levou-o ao hospital onde veio a falecer.

Deixou, ainda, numerosos motetes e divertimentos e as célebres “Fanfarras para os banquetes reais”, muito apreciadas na Corte francesa, tanto que sugeriu obras similares a outros músicos, a começar pelo italiano Giovanni Batista Lulli que, transferindo-se para a França, tão bem se enquadrou no espírito da Corte francesa, que acabou afrancesando o nome para Jean Baptiste Lully. A obra que nos deixou é simplesmente “gracieuse”...

Não sei se suas óperas ainda são representadas na França. Mas, posso informar que delas foram extraídas “suítes”, que figuram como peças de concerto, algumas delas gravadas para a posteridade, o que nos permite hoje o seu conhecimento.

Até no Brasil uma obra de sua autoria chegou a ser gravada num disco significativamente intitulado “Músicas reais para Notre Dame”. Mas, isto já há muito tempo e certamente há de estar esgotado.

439. O LIVRO DO ENGENHEIRO DODT

Natural da Alemanha, mas brasileiro por naturalização, doutor em Filosofia pela Universidade de Iena, Gustavo Luís Guilherme Dodt (1831-1903) veio para o Brasil contratado pelo Barão de Capanema para o antigo Ministério da Agricultura e Obras Públicas.

Passou a maior parte de sua vida na pátria que o adotou, vivendo em Juiz de Fora (MG), em Natal (RN), em São Luiz do Maranhão (MA), em Fortaleza (CE) e finalmente Blumenau (SC), onde faleceu aposentado como engenheiro da Repartição Geral dos Telégrafos.

Um neto seu, nascido no Ceará em 1888, veio a ser o conhecido escritor Gustavo Dodt Barroso, (literariamente citado apenas Gustavo Barroso), que pertenceu à Academia Brasileira de Letras deixando numerosas obras sobre temas de folclore, história, doutrina política, heráldica, além de contos e romances, tendo tido, ainda, destacada atuação na antiga Ação Integralista Brasileira fundada por Plínio Salgado.

O engenheiro Dodt, além de numerosos trabalhos técnicos que realizou no exercício de sua profissão, demonstrou também grande interesse pelos problemas de economia, geografia, e assuntos culturais em geral. Deste, seu espírito curioso e observador é prova o livro “Descrição dos

Rios Parnaíba e gurupi”, publicado originalmente no Maranhão e 1873. Livro, aliás, bastante prejudicado pelo título, dando a entender aos leitores menos avisados tratar-se de obra técnica, versando problemas de hidrografia quando, no entanto, constitui notável subsídio para a geografia, a etnografia e o folclore da região na época pouco conhecida.

Quase setenta anos ficou o livro do engenheiro Dodt, sem que dele se fizesse nova edição, o que só ocorreu em 1939, quando seu neto o publicou de novo na preciosa coleção “Brasiliana”, da Companhia Editora Nacional (volume 138).

Ao texto desta nova edição Gustavo Barroso acrescentou uma nota biográfica com fotografia do autor e ainda a citação do que Sacramento Blake escreveu sobre ele em seu precioso “Dicionário Bibliográfico”. E mais para o fim do século Editora Itatiaia de Belo Horizonte (MG), incluiu-o em sua preciosa coleção “Reconquista do Brasil” (volume 38), que reproduz integralmente a edição da “Brasiliana” de 1939.

440. BANDEIRAS E MONÇÕES

Por ocasião do quarto centenário da cidade de São Paulo (1954), a Livraria Martins Editora, com o patrocínio da comissão organizadora das comemorações da significativa efeméride, publicou sob a direção de Afonso de Taunay a “Biblioteca Histórica Paulista”, nos moldes da “Biblioteca Histórica Brasileira”, publicada alguns anos antes pela mesma editora, sob a direção de Rubens Borba de Moraes.

A nova coleção compreendia dez títulos valiosos da bibliografia histórica paulista, entre eles alguns clássicos, como as obras de Frei Gaspar e de Pedro Taques, os “Apontamentos Históricos”, de Azevedo Marques e alguns relatos de viajantes que percorreram a província no século XIX, como Saint-Hilaire, Tschudi, Zaluar, D’Alincourt.

Integrando a “Biblioteca”, promoveu Taunay a publicação de dois volumes de textos relativos ao bandeirismo, aos quais intitulou “Relatos Sertanistas” e “Relatos Monçoeiros”. Nem todos os textos eram inéditos, mas era como se o fossem, pois haviam sido estampados em publicações antigas e de difícil acesso.

Em “Relatos Sertanistas”, reuniu Taunay os documentos constantes da Coleção Feliz Pacheco, da Biblioteca Municipal de São

Paulo e mais alguns documentos importantes sobre penetrações pelo sertão, ente eles o roteiro de Silva Braga relativo ao descobrimento de Goiás, bem como outros sobre Mato Grosso.

O volume sobre as Monções vinha precedido de excelente ensaio de quase cem páginas sobre o movimento monçoeiro e continha, entre outros documentos valiosos, o “Diário da Navegação” de Teotônio Juzarte, que já havia sido divulgado pelo próprio Taunay em mais de uma ocasião, a “carta de um passageiro da monção e a relação da viagem do Conde de Azambuja de São Paulo a Cuiabá”.

Os volumes da “Biblioteca Histórica Paulista”, dado o caráter de publicação semi-oficial, desapareceram logo das livrarias, pois a maior parte das edições fora distribuída pela Comissão do Quarto Centenário. O mesmo ocorreu com uma reedição feita em 1972, comemorativa do sesquicentenário da Independência, fora de comércio e apenas distribuída a entidades culturais.

Coube à Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, em convênio com a Editora da Universidade de São Paulo, trazer de novo ao mercado, em edições fac-similares, os preciosos livros da “Biblioteca Histórica Paulista” e entre eles os dois textuários relativos ao bandeirismo e às monções que integravam a coleção “Reconquista do Brasil”, com os números 33 e 34.

441. UM HISTORIADOR CATARINENSE

Pretendemos nesta breve nota focalizar o historiador catarinense Lucas Alexandre Boiteux (1880-1966), que legou excelente folha de serviços não apenas à Armada, mas às letras históricas, sobretudo no que se refere ao seu Estado natal.

Data de 1912 sua primeira produção nas letras históricas, as “Notas para a história catarinense”, e desde então e praticamente até o fim de sua vida, jamais abandonou as pesquisas históricas, que abrangem, especificamente, duas áreas: a história catarinense e a história naval brasileira.

Em ambas produziu trabalhos de grande valor, indispensável mesmo nas respectivas bibliografias. Deixou cerca de vinte livros e inúmeros textos publicados em revistas e jornais, notadamente na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Em sua numerosa produção encontramos títulos significativos, tais como “A Marinha de Guerra Brasileira nos Reinados de Dom João VI e Dom Pedro I”, “A Esquadra na Luta da Independência”, “A Marinha Nacional na Campanha da Cisplatina”, “Paulistas em Santa Catarina Seiscentista”, “Primeira Página da Colonização Italiana em Santa Catarina”, “Poranduba Catarinense” e “Santa Catarina nas Guerras do Uruguai e Paraguai”, este último aparecido postumamente em 1972.

Quando, na década de 20 do século passado, a Companhia Melhoramentos de São Paulo programou a edição de uma série de manuais didáticos referentes a diversas unidades da Federação, foi Lucas Boiteux escolhido para elaborar o volume sobre Santa Catarina, um dos mais bem feitos dessa valiosa iniciativa editorial que, infelizmente, não teve prosseguimento, pois apenas dez dos volumes programados foram publicados.

E dada a difusão, na época, desses livros, pode-se avaliar o que representou o trabalho do autor catarinense para a difusão da história de seu torrão natal.

Infelizmente a iniciativa da editora paulistana não teve prosseguimento, pois apenas dez volumes foram publicados, referentes aos Estados do Pará, Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e o antigo Distrito Federal.

Não tive o privilégio de conhecer pessoalmente o historiador catarinense, mas utilizei (e muito) seu conhecimento histórico quando, em 1977, publiquei meu pequeno livro “Páginas Catarinenses”, número especial da revista “Notícia Bibliográfica e História”, edição da Universidade Católica de Campinas.